

Sarney tenta convencer Ulysses a ser o vice

Em café da manhã no Alvorada, o Presidente discute também o apoio do PMDB ao seu governo

Começa cedo o dia do deputado Ulysses Guimarães. Ele deve tomar o café da manhã no Palácio da Alvorada com o presidente José Sarney, que o convidou ontem por telefone, para tratar, especialmente, do apoio do PMDB ao governo. O presidente do PMDB não quis revelar os assuntos da conversa, mas é evidente que estará em pauta, também, a vice-presidência da República.

Sarney, que jantou ontem no próprio Alvorada com o senador Marco Maciel, pretende chamar ao Palácio os presidentes de outros partidos que não os de esquerda, para montar o esquema de apoio ao governo com base nos partidos, depois de descartada a formação do bloco suprapartidário.

A conversa do presidente José Sarney com Ulysses, hoje faz parte do esquema montado

pelo Palácio para atrair o presidente do PMDB, levando-o a assumir, juntamente com a maioria do partido, sua parcela de responsabilidade com o Governo da Nova República.

Um ministro próximo ao presidente informou que Sarney está trabalhando para que Ulysses "caia nos braços do governador Orestes Quêrcia", impedindo, dessa forma, que ele siga o rumo apontado pelos progressistas do partido, que é o rompimento com o Governo.

E nesse sentido que se encaixa a proposta de indicação do deputado Ulysses Guimarães para a vice-presidência da República, através de emenda a ser votada nas disposições transitórias. O presidente do PMDB se recusa a abordar o assunto, publicamente, mas terá que enfrentá-lo, no Palácio da Alvorada.

Naturalmente que, ao tratarem do apoio do PMDB — o que resta dele ao Governo, Sarney e Ulysses conversarão sobre o movimento dissidente dentro do partido que, tanto quanto o outro desejam conter. É de fundamental importância, nesse caso, a participação do governador de São Paulo.

De qualquer forma, o movimento dissidente perde força, quando se tenta precipitar uma decisão no sentido de se criar, logo, um novo partido. Ontem à tarde, o deputado Maurício Fruet informava que está em elaboração, por um grupo de constituintes peemedebistas, um documento que desautoriza — o recado é para o senador Fernando Henrique Cardoso — a quem quer que seja falar em nome de todos. Pelo menos no que diz respeito à formação de uma nova legenda.

GIVALDO BARBOSA



Ulysses, preocupado em assegurar a sobrevivência do PMDB, encontra tempo para cumprimentar Raoni

Lourenço garante apoio do PFL

O líder do PFL na Câmara, deputado José Lourenço, antecipou-se ao senador Marco Maciel e garantiu ontem de manhã ao presidente José Sarney que a quase totalidade do seu partido está disposta a apoiar o governo. A conversa, no Palácio da Alvorada, aconteceu cerca de 10 horas antes do encontro previsto entre Sarney e Maciel, para a primeira consulta oficial a um presidente de partido sobre uma possível coalizão partidária de apoio ao governo.

O senador Marco Maciel, como presidente do PFL, deveria conduzir as negociações políticas com o governo de acordo com os anseios das bases do partido e não com suas convicções pessoais, acredita José Lourenço. O líder pefelista disse ao presidente Sarney que, caso Maciel relute em hipotecar apoio ao governo, o fato provocará "desdobramentos" no partido, não descartando inclusive a possibilidade de o senador ter seu cargo ameaça-

do dentro do PFL.

TENDÊNCIA

Os resultados das convenções regionais deste fim de semana, na interpretação de José Lourenço, confirmam a franca tendência do PFL em apoiar o governo. O próprio senador Marco Maciel, através do grupo sobre o qual exerce maior influência, incluindo a bancada de Pernambuco, já admitiu adesão majoritária à tese dos cinco anos para o presidente Sarney.

Dissidência no partido torna difícil fechar acordo agora

O deputado Ulysses Guimarães declarou de público, algumas vezes, que não é aspirante a candidato a vice-presidente da República, ao comentar a emenda proposta pelo deputado João Agripino Filho, criando aquela função, mas, na intimidade, o político paulista admitiu que poderia desempenhar papel importante, uma vez investido naquele cargo, em favor do fortalecimento do projeto de redemocratização do País.

Ulysses, que ontem entre os inúmeros contatos políticos que manteve encontrou até tempo para falar com o cacique Raoni, não tem como admitir essa possibilidade, nesse momento, quando irrompe uma importante dissidência no partido, sob o comando dos senadores Mário Covas e

Fernando Henrique Cardoso. Preocupado em concluir um acordo com Orestes Quêrcia e os demais governadores para assegurar a sobrevivência do partido, Ulysses Guimarães considera inoportuno falar de vice-presidência.

VICE BIÔNICO

O deputado Egídio Ferreira Lima (PMDB-PE), que assinou o manifesto dissidente de 93 peemedebistas, mas declara que não pretende abandonar o PMDB, afirmou ontem que seria um golpe definitivo em seu partido a eleição indireta de Ulysses Guimarães para vice-presidente da República, nessas circunstâncias.

— Não vejo bem o Ulysses vice-presidente biônico. Afinal de contas, vejo-o, ainda, como o Sr. Diretas

— disse o deputado pernambucano, lembrando o papel importante que Ulysses teve na campanha das diretas já.

Alguns parlamentares que frequentam o círculo íntimo de Ulysses, como o maranhense Cid Carvalho, acreditam que a eleição indireta o situaria em posição importante, na hipótese de uma crise.

AGRAVAMENTO

Esta é, também, a posição do líder da bancada, deputado Ibsen Pinheiro, e dos ministros Luiz Henrique da Silveira e Renato Archer, respectivamente da Ciência e Tecnologia e da Previdência e Assistência Social. Nesses círculos teme-se o agravamento da situação política, atribuindo-se a Ulysses, se investido nessas funções, o

papel de defensor das instituições.

Quem lembrou a possibilidade de eleição indireta de Ulysses para vice-presidente da República (naturalmente pelo Congresso), foi o presidente Sarney, logo depois da vitória do presidencialismo com cinco anos de mandato, numa conversa que manteve com o ministro da Previdência, Renato Archer, quando reclamou a necessidade de recomposição da aliança do governo com o PMDB e o PFL.

Ulysses tomou conhecimento da notícia em reunião com os políticos mais ligados a ele. Sua reação foi de simpatia, segundo depoimentos de alguns dos presentes a uma reunião realizada em sua residência, quando o assunto foi ventilado.

Líderes apostam nas "ostras"

JOÃO EMILIO FALCÃO
Repórter Especial

O presidente Ulysses Guimarães (SP) e o tratamento que seu partido, o PMDB, lhe tem dispensado, foram os principais temas da reunião política de ontem entre o presidente da República e seus líderes na Câmara e no Senado. O líder do PFL na Câmara, José Lourenço (BA), chegou a causar alguma emoção no encontro ao dizer que Ulysses está sendo abandonado pelo PMDB.

O líder do Governo no Senado, Saldanha Derzi (PMDB-MS), também acha muito injusto o que está sendo feito com o presidente do PMDB. "O presidente José Sarney, o Zequinha (deputado José Sarney Filho) e todos nós estamos com o Ulysses. O presiden-

te da República não vai abandoná-lo como outros estão fazendo".

DIVISÃO

Acredita Saldanha Derzi que, diante desse comportamento, o grupo dos dissidentes do PMDB não conseguirá se afirmar. "Assinaram 93, segundo os jornais, pelo rompimento com o Governo, mas aposto como dentro em pouco não serão nem 50. Este pessoal vai se arrepender do que está fazendo" — comentou Derzi, que vinte dias antes da votação do sistema de governo se dispôs a apostar seu mandato como daria cinco anos e presidencialismo.

Como Saldanha Derzi, José Lourenço concorda com a eleição de Ulysses Guimarães para vice-presidente da República em pleito indireto, para o que terá de ser aprovada emenda do deputado João

Agripino (PMDB-PB). Na conversa com o presidente, na manhã de ontem, além de estranhar o que o "pessoal do PMDB" está fazendo com Ulysses, o líder do PFL lamentou que esse grupo esteja ameaçando sair do partido apenas porque foi vitoriosa a tese presidencialista.

"Aqui é difícil haver Partido. As pessoas não se conformam em ser derrotadas. Vencer ou perder é da vida democrática. Eles preferem, no entanto, sair do partido" — comentou.

O líder do PFL não acredita que os chamados ministros do PMDB deixem o Ministério, mesmo não tendo apoiado o presidente da República, com deviam, durante a votação do sistema de governo e do mandato. "Eles se agarram aos Ministérios como ostras" — comenta Lourenço, entre decepção e irônico.

Presidente tem programa para concluir mandato

O presidente José Sarney está propondo aos presidentes dos partidos políticos um novo programa mínimo de governo para concluir a transição democrática.

As negociações começaram com o senador Marco Maciel, presidente do PFL, durante jantar no Palácio da Alvorada, e prosseguem nesta terça-feira com o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB e da Constituinte, no café da manhã.

A intenção de Sarney foi revelada pelo senador Saldanha Derzi, líder do governo no Senado, ao deixar o Palácio da Alvorada, informando que as negociações não foram iniciadas na semana passada, porque Sarney estava ocupado com as visitas dos presidentes Raúl Alfonsín, da

Argentina, e Júlio María Sanguinetti, do Uruguai. Na busca de apoio parlamentar para terminar a transição, observou Derzi, o presidente pode até oferecer algumas "medidas administrativas".

O senador não quis revelar qual vai ser o conteúdo básico do programa mínimo, alegando que "seria uma indiscrição da minha parte revelar este programa". Para ele, o importante é "encontrar uma fórmula de ter mais alinhado e mais disciplinado um bloco", argumentando que ninguém até o momento procurou aderir ao governo. Por essa razão o presidente Sarney decidiu elaborar o programa mínimo de governo, e procurar os presidentes dos partidos políticos.

O líder do governo e da maioria na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, disse que o governo já possui as suas diretrizes, mas deverão ser apresentadas somente depois das conversações. "Creio que será um elemento fundamental na consolidação da maioria", que será formada após a conclusão dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte.

Sant'Anna argumentou que as medidas econômicas que serão adotadas não estão contra os programas partidários, porque são necessárias para o equilíbrio econômico e financeiro. Já o ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, acredita que elas não são propriamente de capitalização política, pois serão desgastantes.